



A mesquita de Córdoba e a Alhambra de Granada: o monumento fundador e o derradeiro testemunho de *al-Andalus*

La mezquita de Córdoba y la Alhambra de Granada: el monumento fundador y el último testimonio de *al-Ándaluz*

The Cordoba Mosque and the Alhambra of Granada: Founding Monument and Final Testimony of *al-Andalus*

Carmen Lícia PALAZZO¹

Resumo: O presente artigo analisa dois dos mais significativos monumentos da Espanha Islâmica, a Grande Mesquita de Córdoba e a Alhambra de Granada, inseridos no contexto da história política da região. Destaca a participação de artistas cristãos bizantinos na decoração da mesquita e a relevância das artes ornamentais em ambos os monumentos, salientando a presença de referências ao luxo e ao ornamento no próprio Corão. No caso da Alhambra, evidencia a importância do conjunto como afirmação da dinastia Násrida, o que pode ser constatado por sua opulência, pela fartura de suas decorações e pela poesia epigráfica de Ibn Zamrak na Fonte dos Leões, declarando a origem genealógica de Mohammed V.

Abstract: This article analyses two of the most significant monuments in Islamic Spain: the Great Mosque in Cordoba and the Alhambra in Granada. Both are treated with regard to the political history of the region. The article stresses the role of Byzantine Christian artists in the decoration of the Mosque, as well as the relevance of decorative arts in both monuments, particularly the occurrence of Quranic mentions of luxury and ornament. It shows the importance, in the Alhambra, of the ensemble as an affirmation of the Nasrid Dynasty, by means of opulent decoration and the epigraphic poetry of Ibn Zamrak in the Fountain of Lions, declaring the genealogical roots of Muhammad V.

Palavras-chave: Espanha Islâmica – Grande Mesquita de Córdoba – Alhambra de Granada – Ornamento no Islã.

¹ Doutora em História pela UnB, pesquisadora convidada do UniCeub de Brasília. Pesquisadora do Grupo *Officium*, da Universidade Federal da Paraíba e do *Grupo de Estudos Persas*, da Universidade de Brasília. *E-mail:* carmenlicia@yahoo.com.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Keywords: Islamic Spain – Great Mosque of Cordoba – Alhambra of Granada – Ornament in Islam.

RECEBIDO: 17.08.2015

ACEITO: 21.09.2015

Introdução

Em 711, a Península Ibérica foi invadida em um contexto de expansionismo do Califado Omíada (661-750) que governava o mundo islâmico a partir de Damasco. As tropas invasoras eram lideradas por um comando sírio, mas majoritariamente compostas de berberes, motivados pela suposta riqueza de um tesouro do reino visigodo de Roderic, cuja capital era Toledo. O referido tesouro não se revelou tão precioso quanto o esperado, porém as novas terras eram atraentes e tanto a população em geral quanto os grupos judeus, cansados de um governo despótico, dos constantes aumentos de taxas e da discriminação que sofriam por parte da nobreza visigoda, aceitaram sem maiores problemas seus novos senhores. Após a invasão de 711, diversas correntes migratórias de árabes e de berberes continuaram a se dirigir para a região ibérica, por eles denominada *al-Andalus*.

Mais adiante, em 750, quando os Abássidas derrotaram os Omíadas no Oriente Médio assassinando o califa Hisham e praticamente toda a sua família, o jovem ‘Abd al-Rahmân bin Mu’âwiya, neto do califa e único sobrevivente da dinastia, fugiu para o Marrocos que era a terra de sua mãe, de etnia berber. Este fato teve imensa repercussão na história de *al-Andalus* já que, após algum tempo no Marrocos, ‘Abd al-Rahmân seguiu para a Península Ibérica motivado pela informação de que lá viviam alguns simpatizantes dos Omíadas destronados.²

Em Córdoba, granjeando muitos apoios de seus compatriotas sírios ali instalados, ‘Abd al-Rahmân teve a habilidade de apaziguar disputas entre árabes e berberes, provavelmente contando com a vantagem de sua dupla etnia. Organizou então um governo no qual assumiu a posição de emir, em 756. Seu emirado foi muito bem-sucedido e conduziu toda a região cordobesa a um excepcional desenvolvimento. Naquele meio tempo, no Oriente Médio, os Abássidas, que eram os novos califas,

Para maiores detalhes sobre a história política da região neste período, ver FLETCHER, Richard. *Moorish Spain*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1992 e REILLEY, Bernard F. *The Medieval Spain*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

havia transferido a capital de Damasco para Bagdá. Mais afastados do Mediterrâneo, não demonstraram grande interesse pelo que se passava em *al-Andalus*, que prosperava como uma sociedade bastante autônoma.

Tradicionalmente, com relação à Península Ibérica, muitos historiadores fazem referência às chamadas três culturas “do Livro” que ali conviveram lado a lado, entre os séculos VIII e XV. Uma outra maneira de entender este contexto, porém, é pensar a realidade ibérica em sua especificidade dentro do mundo medieval europeu. Enfatizando-se os seus aspectos únicos, desponta a imensa originalidade de *al-Andalus*, que forjou uma cultura da qual efetivamente participavam as três religiões “do Livro” – islã, cristianismo e judaísmo – mas não de forma culturalmente compartimentalizada.

Tratava-se, na verdade, de uma sociedade diferenciada de tudo o que a cercava e, em certos períodos, com grande integração entre as suas distintas comunidades, não se constituindo, portanto, em um encontro de três culturas estanques, mas sim de uma cultura original, na qual coexistiam três religiões.³ Era, sobretudo, uma sociedade na qual floresceu um rico intercâmbio de ideias e também de representações, entre as quais destacaram-se a arte e a arquitetura.

I. A Mesquita de Córdoba

A importância de ‘Abd al-Rahmân na consolidação do Islã como um dos elementos essenciais na formação da Espanha medieval é bastante evidente. Sua capacidade de liderança permitiu a pacificação dos grupos árabes e berberes que entravam em constantes disputas pela posse de terras desde o início do século VIII, quando os nobres visigodos foram derrotados e caíram em desgraça junto à população em geral. No entanto, não se pode negligenciar alguns acontecimentos anteriores à chegada de ‘Abd al-Rahmân a Córdoba e que lançaram as bases para que surgisse, na Península Ibérica, uma nova realidade bem distinta daquela do período visigodo.

Um destes acontecimentos é o pacto entre um dos conquistadores muçulmanos e um nobre visigodo e que foi registrado por escrito, corroborando a ideia de expansão dos muçulmanos através de acordos com os poderes cristãos locais. Trata-se do chamado Édito ou Pacto de Tudmir, nome árabe para Teodomiro, governante visigodo de

³ Sobre as diversas interpretações para caracterizar a cultura ibérica na Idade Média ver GONZÁLES FERRÍN, Emílio. *Historia General de Ál Andalus: Europa entre Oriente y Occidente*. Sevilla: Almuzara, 2006. Ver em especial p. 54-65. Ferrín é partidário da ideia de uma cultura única e totalmente original em relação ao resto da Europa e desenvolve detalhadamente esta tese em seu livro.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Murcia. O referido pacto, que data do ano de 713, tinha como objetivo selar a paz entre ‘Abd al-‘Aziz e Tudmir, garantindo à população cristã a liberdade para que continuasse praticando sua religião:

Em nome de Alá, o Clemente, o Misericordioso. Édito de ‘Abd al-‘Aziz ibn Musa ibn Nusair a Tudmir ibn Abdush [Teodomiro, filho dos godos]. Este último obtém a paz e recebe a promessa, sob a garantia de Alá e seu Profeta de que a sua situação e a de seu povo não se alterará; de que seus súditos não serão mortos nem feitos prisioneiros, nem separados de suas esposas e filhos; de que não serão impedidos de praticar sua religião e de que suas igrejas não serão queimadas nem despossuídas dos objetos de culto que nelas existem (...) Datado do mês de *Rajab*, no ano 94 da Hégira [713] Como testemunhas ‘Uzmán ibn Abi ‘Abda, Habib ibn Abi ‘Ubaida, Idrís ibn Maisara y Abul Qasim al-Mazáli.⁴

Para a Europa medieval este tipo de pacto era algo novo, com uma abertura para a convivência entre religiões distintas e entre conquistadores e conquistados e que veio a se tornar uma das bases do fecundo intercâmbio cultural que continuaria a se fazer presente no emirado de ‘Abd al-Rahmân I (756-788) mas também nos séculos seguintes.

A chamada Grande Mesquita de Córdoba ou Mesquita de Sexta-Feira⁵, obra de impacto e de grande beleza, em nosso entender pode ser considerada o marco fundador do novo período que se anunciava prenhe de realizações. Ainda que depois dela outras mesquitas e toda uma urbanização de sucesso tenham marcado de forma positiva o emirado e posteriormente califado de Córdoba, a Grande Mesquita foi o primeiro monumento que projetou a imagem de *al-Andalus* bem além de suas fronteiras. Sua inauguração data do ano de 786 e embora mantendo sempre a magnífica estrutura que esteve presente desde a sua origem, passou por diversas ampliações no decorrer dos séculos seguintes.

⁴ “En el Nombre de Allah, el Clemente, el Misericordioso. Edicto de ‘Abd al-‘Aziz ibn Musa ibn Nusair a Tudmir ibn Abdush [Teodomiro, hijo de los godos]. Este último obtiene la paz y recibe la promesa, bajo la garantía de Allah y su Profeta, de que su situación y la de su pueblo no se alterará; de que sus súbditos no serán muertos, ni hechos prisioneros, ni separados de sus esposas e hijos; de que no se les impedirá la práctica de su religión, y de que sus iglesias no serán quemadas ni desposeídas de los objetos de culto que hay en ellas (...) Dado en el mes de Rayab, año 94 de la Hégira [713]. Como testigos, ‘Uzmán ibn Abi ‘Abda, Habib ibn Abi ‘Ubaida, Idrís ibn Maisara y Abul Qasim al-Mazáli”. Disponível em: Centro Cultural Islámico de Valencia, “Pacto de Tudmir” http://www.webcciv.org/Cultura/xarqalandalus/tudmir_teodomiro_pacto_de.html.

⁵ Entende-se por Mesquita de Sexta-feira aquela na qual, ao meio-dia de todas as sextas-feiras, os fiéis reúnem-se não apenas para fazer suas preces comunitárias, mas também para ouvir um sermão e as notícias mais importantes que o governante ou o líder da comunidade queira transmitir. Ela tem, portanto, uma função política, além de religiosa.

As colunas, em sua maioria romanas e visigodas, foram reaproveitadas de construções mais antigas e de ruínas existentes na região, o que sempre foi bastante comum na Idade Média, tanto na Europa quanto no Oriente. Uma profusão de arcos em ferradura superpostos (imagem nº 1) dão ao ambiente uma monumentalidade que é distinta até mesmo de outras mesquitas de grande porte no mundo islâmico medieval.

Imagem 1



Arcos em ferradura no interior da Grande Mesquita de Córdoba (foto nossa).

Diversos historiadores da arte e da arquitetura islâmica já discutiram a questão da imponência dos arcos e o impacto visual por eles causado. São comuns as referências aos aquedutos romanos existentes na região, o que poderia ter inspirado os arquitetos muçulmanos a projetar uma obra de igual força. No entanto, considerando-se que as colunas disponíveis e reaproveitadas dos espólios, no caso da Península Ibérica, não eram de grande altura, e dado o possível interesse do emir ‘Abd al-‘Rahmân I na construção e uma obra significativa para um emirado que se mostrava muito bem-



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

sucedido, alguns especialistas apontam que a monumentalidade dos arcos teria o objetivo de compensar justamente a pouca estatura das colunas.⁶

Não há dúvida de que o impacto causado pelos arcos da Grande Mesquita de Córdoba é excepcional, mesmo comparando-a com outras de grande amplitude, como a de Damasco e a do Cairo. A mesquita de Damasco, que pode ter servido de inspiração para ‘Abd al-Rahmân I, já que havia sido construída por sua dinastia Omíada antes da deposição pelos Abássidas, também apresentava arcos superpostos, mas de efeito visual bem menos significativo.

Os sucessores do primeiro emir foram responsáveis por diversas ampliações na mesquita em virtude do crescimento de fiéis na região, que se destacava por um desenvolvimento econômico acelerado. Córdoba consolidava-se como um centro cosmopolita que atraía tanto pela prosperidade material quanto cultural. Com o emir ‘Abd al-Rahmân II, que reinou entre 822 e 852, o número de colunas internas passou de 120 para 200, o que pode ser considerado uma grande ampliação. Mais adiante, no ano de 929, o então emir ‘Abd al-Rahmân III, aproveitando-se de uma situação crítica pela qual passava o Califado Abássida de Bagdá, autoproclamou-se Califa de *al-Andalus*.⁷

Em um contexto de crescente prosperidade, as relações do Califado de Córdoba com o mundo cristão foram múltiplas. De um lado, havia as inevitáveis disputas de poder com principados e reinos estabelecidos na Península Ibérica, em especial, no decorrer do século X, com Castela, Navarra, Aragão e Barcelona. De outro, eram feitas alianças que se mostravam muitas vezes favoráveis a cristãos e muçulmanos, como foi o caso do apoio do Califado a um dos candidatos à sucessão no reino de Leão, numa acirrada disputa entre dois pretendentes ao trono.⁸ *al-Andalus* foi então se desenvolvendo com participação ativa em todo o tabuleiro político regional e a Grande Mesquita de

⁶ Sobre esta discussão, ver GRABAR, Oleg. *The Formation of Islamic Art*. New Haven: Yale University Press, 1987, p. 124 e BARRUCAND, Marianne e BEDNORZ, Achim. *Arquitectura Islámica en Andalucía*. Colônia: Taschen, 2002.

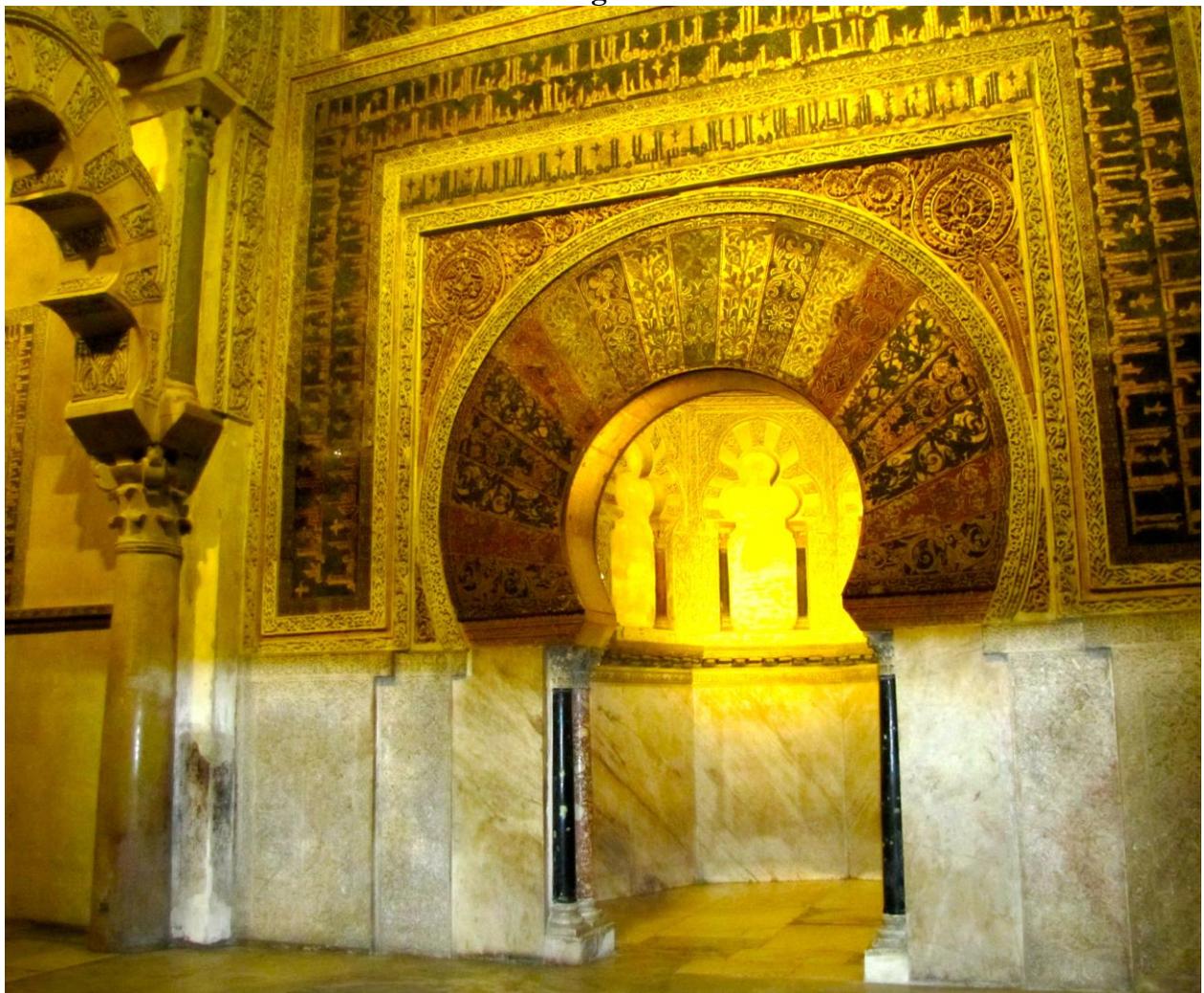
⁷ Os Abássidas, que reinaram em Bagdá de 750 a 1258, enfrentaram entre os séculos X e XIII diversos problemas, principalmente devido a pressões oriundas do expansionismo de tribos turcas e da rivalidade com os xiitas Fatímidas, o que os impedia de controlar todo o mundo islâmico e principalmente comunidades que já se desenvolviam há muito tempo de forma independente, como era o caso da península Ibérica. Para maiores detalhes sobre a história da dinastia Abássida no contexto do mundo árabe, ver HOURANI, Albert. *A History of the Arab Peoples: With a New Afterword by Malise Ruthven*. Londres: Faber and Faber, 2002, p. 32-58.

⁸ FLETCHER, Richard, *op. cit.*, p. 53-60.

Córdoba, seu monumento emblemático que tanta admiração despertava, continuou a ser aumentada e aprimorada.⁹

Durante o califado de Al Hakam II (961-976), a mesquita passou por nova ampliação, destacando-se as cúpulas e um excepcional *mibrab* ou nicho de oração (imagem nº 2), com uma decoração de mosaicos bizantinos de grande refinamento.

Imagem 2



Mibrab da Grande Mesquita de Córdoba (foto nossa).

⁹ Para um estudo mais detalhado e com grande riqueza de fontes sobre ao desenvolvimento econômico e cultural do emirado e depois do califado de Córdoba e da frutífera convivência entre muçulmanos, cristãos e judeus na Península Ibérica, ver MANN, Vivian B., DODDS, Jerrilynn D. e GLICK, Thomas F. (ed.) *Convivencia: Jews, Muslims, and Christians in Medieval Spain*. Nova Iorque: The Jewish Museum, 1992.

Tanto durante o período do Califado Omíada com sede em Damasco (661-750), que havia sido destronado pelos Abássidas, quanto no do Califado de Córdoba, mosaístas de Bizâncio participaram ativamente na decoração de construções muçulmanas. E, em todos os casos, é possível observar com clareza que a técnica musiva utilizada era a bizantina, porém com desenhos adequados ao Islã, sem imagens humanas, principalmente nos edifícios de uso religioso. Al Hakam II, levando adiante seu ambicioso projeto de transformar a Grande Mesquita de Sexta-Feira na joia do seu califado, havia solicitado a Nicéforo Phokas, imperador romano do Oriente, o envio de especialistas que pudessem dirigir os trabalhos com mosaicos, no que foi atendido e ainda presenteado com preciosas peças necessárias para a obtenção de um excepcional resultado.¹⁰ Para a Península Ibérica esta foi uma decisão importante e inovadora, já que não havia, até aquele momento, uma tradição do uso de mosaicos bizantinos na região.

A decoração, a ideia de ornamento, é onipresente para os muçulmanos. Ela não diz respeito apenas à arquitetura, mas é visível também em objetos de uso doméstico, em joias e em praticamente todos os aspectos da cultura material do mundo islâmico, o que tanto encantou os orientalistas dos séculos XVIII e XIX. Em nossa opinião, esta característica de valorização das artes decorativas permitiu que fosse extremamente bem-sucedido, na Idade Média, o encontro de muçulmanos com artistas cristãos bizantinos, estes últimos especialistas na criação de imagens de grande brilho, um luxo muito conforme ao gosto da corte cristã ortodoxa de Constantinopla.

É também importante lembrar que o luxo, no Islã, não é condenado. Ele está presente, inclusive, em diversas passagens do Corão. Entre elas há as que deixam claro que, nos jardins do Paraíso, esperam os bons muçulmanos “braceletes de ouro” e “roupas de seda” e também “brocados” com “sofás para se reclinarem”.¹¹ Há ainda a referência a “bandejas e taças de ouro” e a “tudo o que agrada aos olhos”.¹² Prazeres, portanto, iguais aos que se identificam com a opulência do mundo terreno. Parece-nos que nada mais adequado, portanto, do que a resplandecente arte bizantina, devidamente adaptada a motivos vegetais estilizados e a sofisticadas caligrafias para representar o imaginário corânico no interior da mesquita, concretizando assim um rico encontro entre artistas cristãos ortodoxos e muçulmanos.

¹⁰ DODDS, Jerrilynn D. “The Great Mosque of Cordoba”. In: DODDS, Jerrilynn D. (ed.) *Al-Andalus: The art of Islamic Spain*. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art, 1992, p. 22.

¹¹ *AL QUR’AN*. Edição bilingue árabe-inglês. Versão inglesa de Ahmed Ali. Princeton: Princeton University Press, 18:31, p. 253.

¹² *Ibidem*, 43:71, p. 422.

II. Os reinos taifas e a Alhambra, derradeira fortaleza muçulmana de Granada

No final do século X, o califado em terras ibéricas enfrentava inúmeros problemas que tiveram início quando Hisham II, então menor de idade, sucedeu ao grande califa Al Hakam II, ficando o poder efetivo nas mãos do vizir al-Mansur. Despótico e guerreiro, al-Mansur lançou-se em campanhas militares contra Leão, Castela e outros reinos, e aumentou consideravelmente suas tropas com mercenários tanto berberes e árabes quanto cristãos. Mais adiante, tempos ainda mais difíceis levaram à queda do Califado de Córdoba, em 1031, quando reinava Hisham III.¹³

Uma acirrada guerra civil perdurou entre 1009 e 1031 e dela o poder muçulmano saiu pulverizado em diversas facções, *tawa'if*, das quais resultaram pequenos reinos que passaram a ser conhecidos como taifas. Alguns deles reuniam em suas cortes grandes artistas e filósofos¹⁴, porém militarmente eram mais fracos do que o antigo califado. As inevitáveis alianças faziam-se e desfaziam-se entre eles próprios, mas também com diversas dinastias marroquinas e com os reinos da Espanha cristã.

Inicialmente os Almorávidas e depois os Almôadas, berberes marroquinos, foram chamados para apoiar os taifas que corriam o risco de perder suas terras nas inúmeras disputas internas, mas sua presença acabou ocasionando outros problemas, tanto em função de seu fundamentalismo religioso quanto pelas rivalidades que diversas vezes estiveram latentes entre árabes e berberes.¹⁵

A partir do século XIII, porém, novas conjunções de forças começaram a surgir já que os Almôadas perderam espaço para os cristãos e para alguns governantes muçulmanos de etnia árabe. Córdoba, outrora brilhante sede do Califado, tinha diminuído muito sua

¹³ Para maiores detalhes sobre a história política deste período, ver a síntese de MARTINEZ-GROS, Gabriel. “Sept cents ans d’Espagne musulmane”. In: *L’Histoire*, n. 34, mai. 2011, p. 40-47.

¹⁴ Sobre a pujante vida cultural na Espanha Islâmica, mesmo em períodos nos quais os diversos reinos não eram militarmente relevantes, ver MENOCA, María Rosa. *The Ornament of the World*. Boston/Nova Iorque/Londres: Little, Brown & Company, 2002.

¹⁵ Uma história mais detalhada das disputas e alianças entre árabes e berberes, mas também dos reinos taifas com os cristãos pode ser encontrada em HARVEY, L. P. *Islamic Spain: 1250 to 1500*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990 e também em HITCHCOCK, Richard. *Muslim Spain Reconsidered*. Edinburgo: Edinburgh University Press, 2014, e para os almorávidas, ver COSTA, Ricardo da. “A expansão árabe na África e os Impérios Negros de Gana, Mali e Songai (sécs. VII-XVI)”. In: NISHIKAWA, Taise Ferreira da Conceição. *História Medieval: História II*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009, p. 34-53. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/expansao-arabe-na-africa-e-os-imperios-negros-de-gana-mali-e-songai-secs-vii-xvi>.



importância no conjunto dos reinos taifas. Em 1236 foi conquistada pelo rei cristão Fernando III, o que alterou significativamente o jogo de alianças de *Al Andalus*.¹⁶

Em 1232 o árabe Mohammad ibn Yusuf ibn Nasr foi proclamado sultão em Arjona como Mohammad I e em maio de 1237 tomou Granada dos berberes Almôadas, convertendo-a em capital do seu sultanato. Com uma hábil política de alianças com alguns soberanos cristãos e com a dinastia dos Merínidas do Marrocos, Mohammad I conseguiu estabelecer um governo estável para si próprio e para seus descendentes, criando condições para o florescimento da cidade de Granada e de seu entorno.¹⁷

Monumento emblemático do período Násrida no reino muçulmano de Granada, a cidadela ou “fortaleza vermelha” – *al Qal’ ah al-Hamra* – conhecida no Ocidente como Alhambra, atravessou os séculos mantendo sua aura de fascínio no complexo imaginário europeu sobre o Oriente. O início da construção de suas muralhas data de 1238, durante o sultanato de Mohammed I, quando foram utilizados tijolos de argila ferruginosa e avermelhada, responsáveis pela aparência que lhe valeu o nome de fortaleza vermelha. No entanto, o refinado conjunto de luxuosos palácios no interior das muralhas é posterior e teve como patronos de sua construção os sultões Yussuf I (1333-1354) e Mohammed V (1354-1391).

Dois palácios destacam-se no interior da Alhambra, os atualmente conhecidos como o de Comares e o dos Leões. Entra-se ainda hoje em Comares através de um pátio cuja denominação moderna, em diversos idiomas, é Alberca (palavra em espanhol que significa tanque de água, originada do árabe, *al-Birka*) ou Arrayanes (plantas que em português chamam-se murtas e que dão a volta em toda a extensão do tanque). A decoração do Palácio de Comares, com uma imponente Sala do Trono, também chamada de Sala dos Embaixadores, apresenta revestimentos de mosaicos em azulejos que se constituem em uma das principais características da arte nazarí. Relevos em gesso, com uma profusão de ornamentos, cobrem todas as paredes.

O Palácio dos Leões é talvez a parte mais divulgada e apreciada da Alhambra e aquela cuja decoração tem causado maior impacto nos visitantes de todas as épocas. Sua

¹⁶ Sobre a conquista de Córdoba, ver COSTA, Ricardo da. “A Conquista de Córdoba por Fernando III, o Santo”. In: LAUAND, Jean (org.). *Filosofia e Educação – Estudos 13*. São Paulo: Editora SEMOrOc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da USP) – Factash Editora, 2008, p. 07-18. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/conquista-de-cordoba-por-fernando-iii-o-santo>.

¹⁷ HATTSTEIN, Markus. “Los nazaríes de Granada”. In: HATTSTEIN, Markus e DELIUS, Peter. *Islam: Arte y Arquitectura*. Barcelona: H. F. Ullmann, 2007, p. 273-277.

construção data da segunda metade do século XIV, no período do sultanato de Mohammed V e um de seus grandes destaques é o pátio central com uma fonte cuja bacia tem, à sua volta, esculturas de doze leões em pedra (imagem nº 3). Da fonte saem quatro canais que cortam o pátio em forma de cruz, estendendo-se até a parte coberta dos pavilhões que a rodeiam

Imagem 3



Fonte dos Leões no pátio interno do Palácio dos Leões. Fonte: Commons.wikimedia.org/wiki/File:Palacios_nazaries._Fountain_de_los_Leones_-_020.JPG.

A presença da água nos jardins e nos pátios internos das construções nas cidades muçulmanas não tem apenas funções práticas de irrigação, mas também apresenta um forte componente de satisfação visual. O Corão refere-se de maneira muito clara sobre a importância da água e dos jardins:



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Em verdade, Deus admitirá aqueles que creem e que agem corretamente em jardins com córregos de água.¹⁸ A aparência do paraíso prometido ao pio e ao devoto é a de um jardim com córregos de água que não secam.¹⁹

Não há nenhuma dúvida que, na Alhambra, a fonte dos Leões era considerada um dos pontos de destaque. Uma poesia escrita por Ibn Zamrak e gravada na taça de pedra é testemunho de sua importância.²⁰ Nos versos de Ibn Zamrak – poeta e também vizir do sultanato de Mohammed V – a escultura é descrita destacando o efeito especial da água sobre o mármore em um bem-sucedido mecanismo que a esconde parcialmente, fazendo com que em seguida reapareça, o que o levou a uma comparação romântica com as lágrimas de um amante:

Na aparência, água e mármore parecem confundir-se
Sem que saibamos qual deles desliza.
Não vêes como a água se derrama na taça,
Porém seus canos a escondem em seguida?
É um amante cujas pálpebras transbordam de lágrimas,
Lágrimas que esconde por medo de um delator.²¹

Ao final do poema, Ibn Zamrak valoriza a genealogia árabe do governante, deixando desta maneira bem claro que não se tratava de um berbere. Consideramos muito importante destacar que é este o motivo da afirmação de que Mohammed V seria descendente dos Ansares, pois trata-se da tribo árabe que, em Medina, apoiou Maomé por ocasião de sua fuga de Meca:

¹⁸ “Verily God will admit those who believe and do the right into gardens with streams of water running by”, *Al-Qur’an, op. cit.*, 47:12, p. 436.

¹⁹ “The semblance of paradise promised the pious and devout is that of a garden with streams of water that will not go rank (...)”, *Ibidem*, 47:15, p. 436.

²⁰ O arquiteto e pesquisador Mohammed Hamdouni Alami tem desenvolvido uma reflexão muito pertinente acerca da importância de se considerar a literatura na análise da arte e da arquitetura islâmica. Em recente publicação, abriu caminho para novas maneiras de se pensar a estética no Islã. Ver ALAMI, Mohammed Hamdouni. *Art and Architecture in the Islamic Tradition*. Londres/Nova Iorque: I. B. Tauris, 2014.

²¹ “En apariencia, agua y mármol parecen confundirse / sin que sepamos cuál de ambos se desliza. / No ves cómo el agua se derrama en la taza, / pero sus caños la esconden en seguida? / Es un amante cuyos párpados rebosan de lágrimas, / Lágrimas que esconde por miedo a un delator”. CABANELAS, Dario e FERNÁNDEZ PUERTAS, Antonio. “El poema de la fuente de los leones”. *Cuadernos de la Alhambra*, n. 15-17 (1979-1981), p. 28. Neste mesmo artigo, Cabanelas e Fernández não apenas apresentam a tradução para o espanhol do poema árabe como o analisam detalhadamente, tecendo ainda diversas considerações sobre a escultura da fonte e sobre a caligrafia esculpida na pedra (p. 3-88).



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Oh, descendente dos Ansares, não por linha indireta,
Herança de nobreza que os presunçosos desprezam:
Que a paz de Deus esteja contigo e sobrevivias incólume
Renovando teus festins e atormentando teus inimigos.²²

Podemos afirmar que a chancela de uma origem respeitada era certamente importante numa época na qual haviam sido tantas as disputas entre os vários governantes taifas de distintas origens e especialmente entre árabes e berberes. Acreditamos, assim, que uma obra de arte como a Fonte dos Leões torna-se também um objeto de afirmação política, ainda mais dada a sua centralidade no conjunto dos palácios da Alhambra.

Finas colunas estão à volta da fonte e tanto nos seus capitéis quanto nos arcos que integram o conjunto, uma intrincada e elegante caligrafia dá um toque de refinamento excepcional. As colunas delgadíssimas são uma característica marcante do que é denominado estilo nazari, ou da dinastia Násrida. Nos arcos, assim como nas paredes, os ornamentos ocupam todos os espaços.

A decoração das paredes com mosaicos realizados em azulejos de cerâmica recortados, também chamados de *alicatados*, é uma das características da Alhambra. Estrelas e linhas entrelaçadas em elaborados desenhos demonstram que havia um claro domínio das formas geométricas, com encaixes perfeitos das pequenas peças (imagem nº 4). Sem dúvida, o uso intensivo destes mosaicos na arte islâmica, muito difundido na Península Ibérica, não pode ser dissociado do interesse dos muçulmanos pela matemática e, no caso, pela geometria.

Diferente dos mosaicos bizantinos que estavam tão presentes na Grande Mesquita de Córdoba e que haviam sido realizados com a atuação direta de especialistas enviados de Constantinopla pelo imperador cristão ortodoxo, a arte musiva que decora a Alhambra, feita com azulejos recortados, é obra de artesãos muçulmanos locais. Eles, por sua vez, influenciarão a Europa com o domínio da cerâmica vitrificada, expandindo também sua arte até o Marrocos, durante o reino dos Merínidas.²³

²² “Oh descendiente de los Ansares, y no por línea indirecta, / herencia de nobleza, que a los fatuos desestima: / Que la paz de Dios sea contigo y pervivas incólume / Renovando tus festines y afligiendo a tus enemigos!”, *Ibidem*.

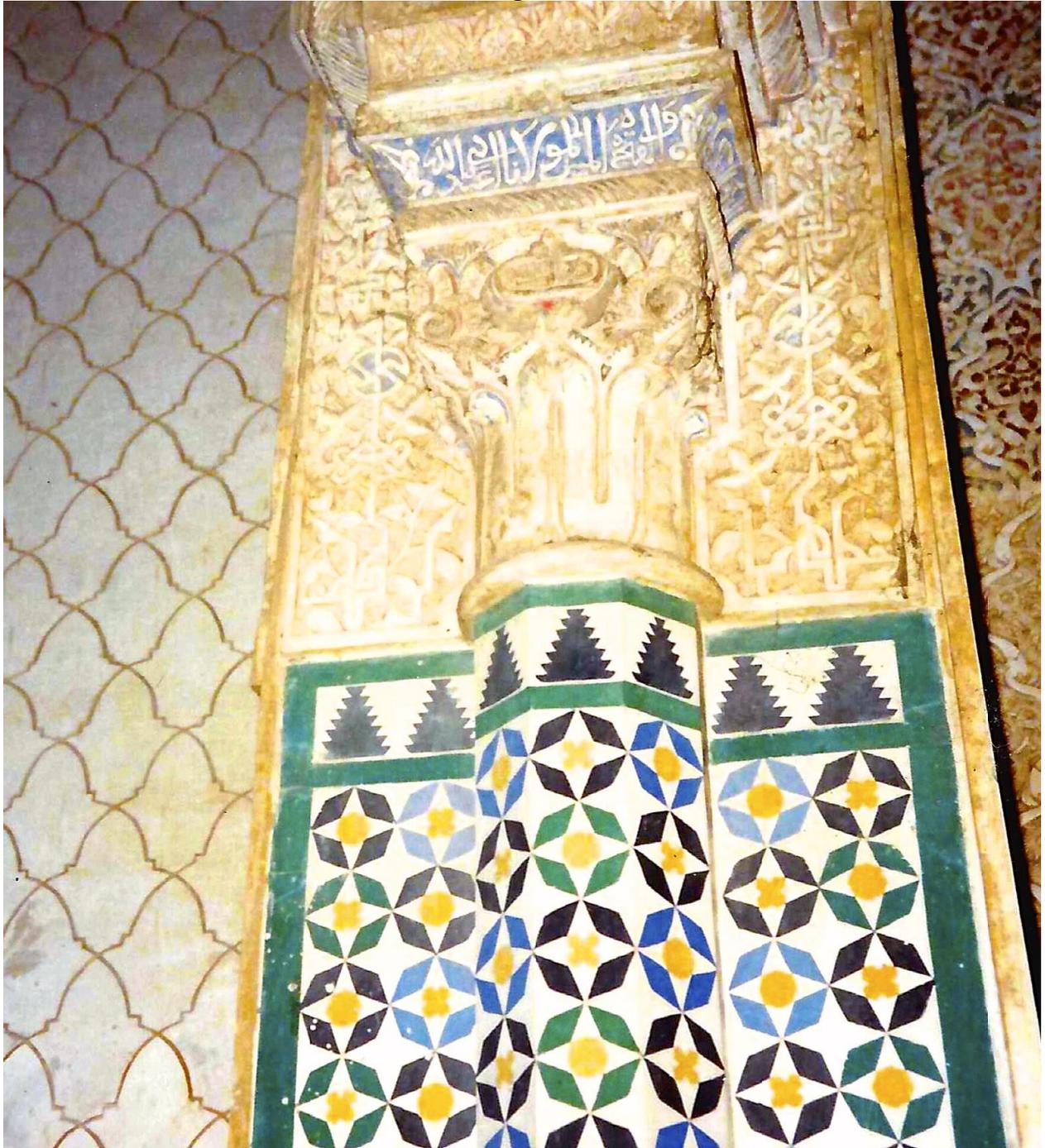
²³ MUSÉE DU LOUVRE. *Maroc Médiéval: un Empire de l'Afrique à l'Espagne*. Catálogo de Exposição. Paris: Museu do Louvre, 2014, p. 518-533.

icm

COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Imagem 4

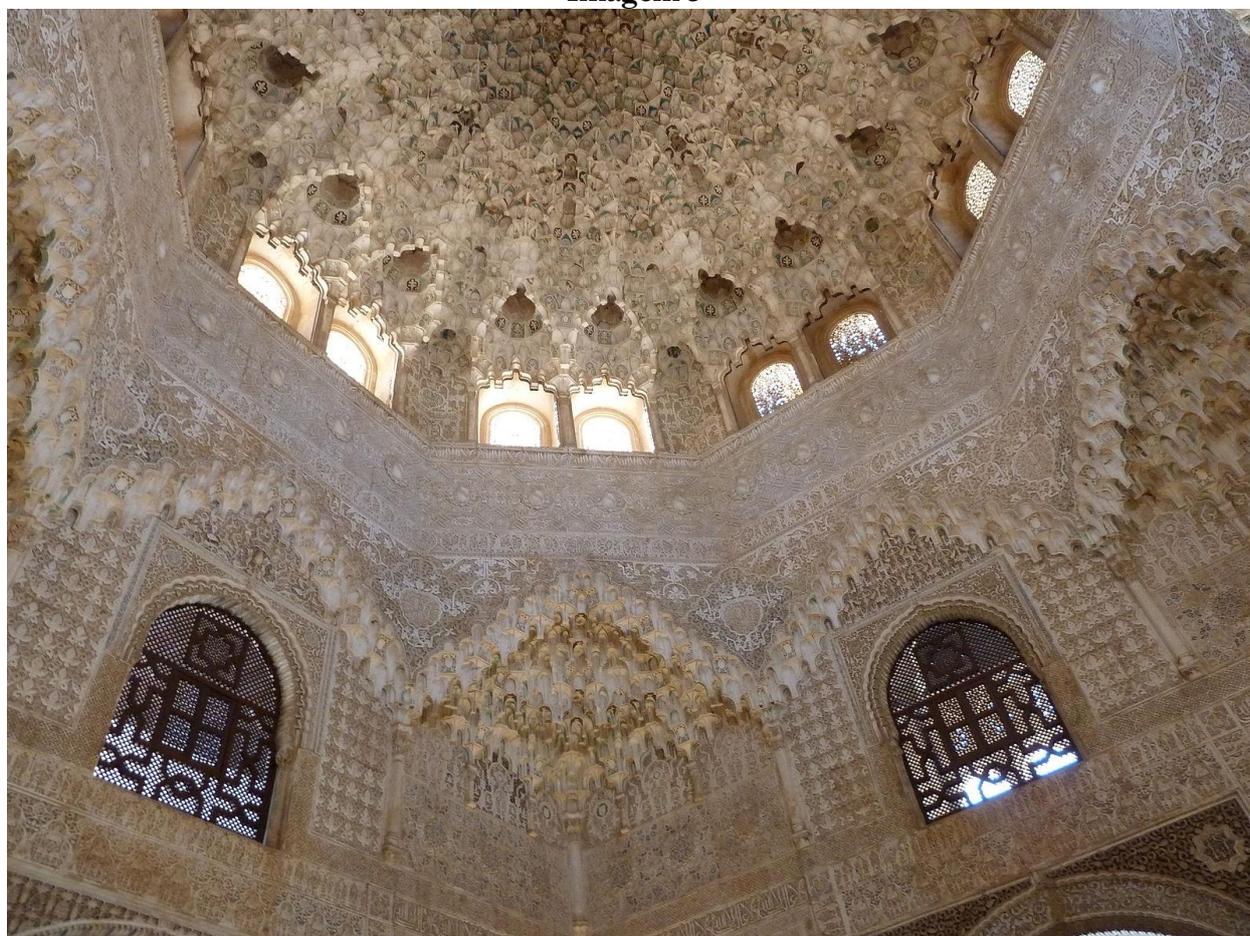


Mosaico realizado com azulejos recortados, no interior da Alhambra (foto nossa).

Outra forma de decoração, as *muqarnas*, pequenas peças que se encaixam obedecendo um plano rigoroso de modo a formar uma profusão de estalactites, são um dos pontos

altos da Alhambra e recobrem o domo da sala das Duas Irmãs²⁴, no Palácio dos Leões (Imagem nº 5). Na arquitetura islâmica, o material utilizado para sua realização pode ser madeira, azulejo ou estuco, sendo este último o escolhido para os palácios nazarís. A leveza do resultado é muito evidente e apesar do considerável tamanho do teto decorado fica muito claro que o projeto granadino era o de construir um conjunto no qual o luxo era agradável ao olhar e as diversas partes de cada interior não se chocavam com as grandes aberturas que integravam não apenas os pátios e as fontes internas, mas também a paisagem da Serra Nevada, visível a partir dos miradores.

Imagem 5



Muqarnas da Sala das Duas Irmãs, Palácio dos Leões. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ceiling_in_Alhambra.JPG.

²⁴ O nome “Duas Irmãs” deve-se a duas lajes idênticas que existem no piso da sala e não a determinadas personagens.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Em quase toda a Espanha a arte e a arquitetura islâmica vão estar presentes mesmo após a conquista do derradeiro reino taifa de Granada. O fato de que, tanto com Fernando e Isabel quanto mais adiante, com o imperador Carlos V (Carlos I da Espanha), a cidadela palatina da Alhambra não tenha sido destruída e nem mesmo as citações corânicas de suas paredes tenham sido recobertas, deixa bastante claro o espaço que a cultura muçulmana medieval ocupou no universo mental daqueles que dela se aproximaram.

Conclusão

Em novembro de 1491 o último rei muçulmano nâsrída rendeu-se a Fernando e Isabel, entregando-lhes Granada, oficialmente, em janeiro de 1492. Abû ‘Abd Allâh Mohammed ben Abî al-Hasan ‘Alî, que passou à História como Boabdil, havia sido, como alguns de seus antecessores, aliado dos cristãos, mas o espaço da convivência tornava-se cada vez mais estreito à medida em que centralizava-se o poder nas mãos dos soberanos de Castela e Aragão.

Durante algum tempo após a rendição do reino nâsrída, os muçulmanos viveriam com certa tranquilidade na Península Ibérica, mesmo após a expulsão dos judeus, ocorrida em 1492. No entanto, não tardariam as medidas para que a religião do reino fosse única, sem tolerância para qualquer outra forma de desvio e muito menos para o antigo modelo de pertencimento às outras duas fés ditas “do Livro”. Era a centralização da monarquia absoluta que se afirmava.

Em Granada, a insistência com os muçulmanos para que se convertessem ao cristianismo foi especialmente violenta, o que levou a um grande descontentamento entre os mudéjares²⁵. A reação dos então chamados “mouros” deu-se justamente em virtude da crescente intolerância em relação a eles. É importante destacar, no entanto, que a sociedade granadina, longe de estar decadente quando Fernando e Isabel se apoderaram da cidade, mostrava-se na realidade brilhante e única, porém sem um exército forte ou aliados de peso para enfrentar o cerco das tropas dos reis de Castela e Aragão.

²⁵ Mudéjar é a palavra usada para denominar os muçulmanos que viviam em territórios sob governo cristão, mantendo sua religião e seus costumes. Denomina-se também mudéjar um estilo artístico no qual está presente a influência da arte islâmica. Há uma discussão detalhada sobre arte mudéjar em GUALÍS, Gonzalo M. Borrás. *El Arte Mudéjar*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses (Serie Estudios Mudéjares), 1990.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21* (2015/2)
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

Em seguida, as conversões forçadas e também a grande queima de livros ordenada pelo franciscano Francisco Jiménez de Cisneros, cuja influência sobre Isabel era considerável, marcou tragicamente o fim de um riquíssimo encontro cultural em solo ibérico.²⁶

A rebelião de Alpujarras e os distúrbios do Albaicín, muitas vezes apontados como motivos para o recrudescimento da perseguição aos muçulmanos foram, na verdade, posteriores ao controle estrito que era exercido sobre aqueles que haviam optado por permanecer em Granada acreditando que as condições prometidas na Capitulações preservariam a integridade mudéjar.²⁷

Muitos são, ainda hoje, os vestígios da longa presença muçulmana em solo ibérico, mas nem todos de tamanho impacto como a Grande Mesquita de Córdoba e a Alhambra, de Granada. Pintores e escritores europeus, principalmente no século XIX, interpretaram a Alhambra de diversas maneiras recriando, em torno dela, um rico e complexo imaginário orientalista.

No século XX, a memória de sua queda foi recuperada por Salman Rushdie (1947-). Ele próprio vítima da intolerância escreveu, em um luminoso texto, palavras que ficticiamente atribuiu a um personagem de seu romance e que citamos a seguir, à guisa de fecho do presente artigo:

(...) sento-me aqui como a última luz sobre esta pedra, em meio a estas oliveiras, olhando através do vale uma colina distante; e lá está a glória dos mouros, sua triunfante obra-prima e seu último reduto. A Alhambra, fortaleza vermelha da Europa (...) o palácio de formas entrelaçadas e de secreta sabedoria, de pátios de prazer e de jardins de água, esse monumento a uma possibilidade perdida que, não obstante, seguiu em pé muito depois de seus conquistadores terem caído; como um testamento (...) ao amor que perdura além da derrota, além da aniquilação, além do desespero; ao amor derrotado que é maior do que aquilo que o derrota, à mais profunda das nossas necessidades, a nossa necessidade de

²⁶ Sobre a grande queima de livros, inclusive de literatura e filosofia, realizada sob instruções de Cisneros, ver EISENBERG, Daniel. “Cisneros y la quema de los manuscritos granadinos”. In: *Journal of Hispanic Philology*, 16, 1992 [1993], p. 107-124.

²⁷ A passagem das Capitulações de 1491 que garantia que “nenhum mouro seria forçado a se tornar cristão” virou letra morta e, em 1498, uma série de regulamentos separou radicalmente as duas comunidades que haviam sido responsáveis, em conjunto, por um rico e original convívio que muito ainda poderia frutificar. Ver, sobre esta questão, HARVEY, L. P., *op. cit.*, p. 319-329. Harvey analisa uma pesquisa que pode ser considerada essencial para o entendimento da tomada de Granada e para a quebra da promessa de tolerância, quebra esta que foi anterior e motivo para as revoltas dos muçulmanos. A referida pesquisa, analisada por Harvey, é a de PESCADOR DE HOYO, Maria del Carmen. “Como fue de verdad la toma de Granada”. In: *Al Andalus*, n. 20, 1955, p. 283-344.



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21 (2015/2)*
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

confluir, de por fim às fronteiras (...) Eu vejo [a Alhambra] desaparecer no crepúsculo e, ao se desvanecer, me enche os olhos de lágrimas.²⁸

Fontes

a) Monumentos

Mesquita de Córdoba

Alhambra de Granada

b) Fontes escritas

AL QUR'AN. Edição bilingue árabe-inglês. Princeton: Princeton University Press, 1987 (Tradução do árabe para o inglês de Ahmed Ali).

PACTO DE TUDMIR. *In*: Centro Cultural Islámico de Valencia, “Pacto de Tudmir”
http://www.webcciv.org/Cultura/xarqalandalus/tudmir_teodomiro_pacto_de.html.

POEMA DA FONTE DOS LEÕES. *In* CABANELAS, Dario e FERNÁNDEZ PUERTAS, Antonio. “El poema de la fuente de los leones”. *Cuadernos de la Alhambra*, n. 15-17 (1979-1981), p. 28.

Bibliografia

ALAMI, Mohammed Hamdouni. *Art and Architecture in the Islamic Tradition*. Londres: I. B. Tauris & Co., 2014.

BARRUCAND, Marianne e BEDNORZ, Achim. *Arquitectura Islámica en Andalucía*. Colonia: Taschen, 2002.

COSTA, Ricardo da. “A expansão árabe na África e os Impérios Negros de Gana, Mali e Songai (sécs. VII-XVI)”. *In*: NISHIKAWA, Taise Ferreira da Conceição. *História Medieval: História II*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009, p. 34-53. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/expansao-arabe-na-africa-e-os-imperios-negros-de-gana-mali-e-songai-secs-vii-xvi>.

COSTA, Ricardo da. “A Conquista de Córdoba por Fernando III, o Santo”. *In*: LAUAND, Jean (org.). *Filosofia e Educação – Estudos 13*. São Paulo: Editora SEMOrOc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente da Faculdade de Educação da USP) – Factash Editora, 2008, p. 07-18. *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/artigo/conquista-de-cordoba-por-fernando-iii-o-santo>.

²⁸ RUSHDIE, Salman. *The Moors's last Sight*. Nova Iorque: Vintage International Books/Random House, 1995, p. 433. “I sit here in the last light, upon this stone, among these olive trees, gazing out across a valley towards a distant hill; and there it stands, the glory of the Moors, their triumphant masterpiece and their last redoubt. The Alhambra, Europe's red fort (...) the palace of interlocking forms and secret wisdom, of pleasure-courts and water gardens, that monument to a lost possibility that nevertheless has gone on standing, long after its conquerors have fallen; like a testament (...) to the love that endures beyond defeat, beyond annihilation, beyond despair; to the defeat love that is greater than what defeats it, to that most profound of our needs, to our need for flowing together, for putting an end to frontiers (...) I watch it vanish in the twilight, and in its fading it brings tears to my eyes.”



COSTA, Ricardo da, SALVADOR GONZÁLEZ, José María (coords.). *Mirabilia 21 (2015/2)*
Medieval and early modern Iberian Peninsula Cultural History (XIII-XVII centuries)
Cultura en la Península Ibérica Medieval y Moderna (siglos XIII-XVII)
Cultura na Península Ibérica Medieval e Moderna (séculos XIII-XVII)

Jun-Dez 2015/ISSN 1676-5818

- DODDS, Jerrilynn D. "The Great Mosque of Cordoba". In: DODDS, Jerrilynn D. (ed.). *Al Andalus: The Art of Islamic Spain*. Nova Iorque: Metropolitan Museum of Art, 1992, p. 11-26.
- EISENBERG, Daniel. "Cisneros y la quema de los manuscritos granadinos". *Journal of Hispanic Philology*, 16, 1992 [1993], p. 107-124.
- FLETCHER, Richard. *Moorish Spain*. Berkeley: University of California Press, 1993.
- GONZÁLES FERRÍN, Emílio. *Historia General de Al Ándalus: Europa entre Oriente y Occidente*. Sevilha: Almuzara, 2006.
- GRABAR, Oleg. *The Formation of Islamic Art* (Revised and enlarged Edition). New Haven: Yale University Press, 1987.
- GUALÍS, Gonzalo M. Borrás. *El Arte Mudéjar*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses (Serie Estudios Mudéjares), 1990.
- HARVEY, L. P. *Islamic Spains: 1250 to 1500*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- HATTSTEIN, Markus. "Los nazaríes de Granada". In: HATTSTEIN, Markus e DELIUS, Peter. *Islam: Arte y Arquitectura*. Barcelona: H. F. Ulmann, 2007, p. 273-277.
- HITCHCOCK, Richard. *Muslim Spain Reconsidered (from 711 to 1502)*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- HOURANI, Albert. *A History of the Arab Peoples: With a New Afterwords by Malise Ruthven*. Londres: Faber and Faber, 2002.
- MANN, Vivian B., DODDS, Jerrilynn D. e GLICK, Thomas F. *Convivencia: Jews, Muslims, and Christians in Medieval Spain*. Nova Iorque: The Jewish Museum, 1992.
- MARTINEZ-GROS, Gabriel. "Sept cents ans d'Espagne musulmane". *L'Histoire*, n. 34, mai 2011, p. 40-47.
- MENOCAL, Maria Rosa. *The Ornament of the World*. Boston/Nova Iorque/Londres: Little, Brown & Company, 2002.
- MUSÉE DU LOUVRE. *Maroc Médiéval: un Empire de l'Afrique à l'Espagne*. Catálogo de exposição. Paris: Musé du Louvre, 2014.
- REILLEY, Bernard F. *The Medieval Spain*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- RUSHDIE, Salman. *The Moor's last Sight*. Nova Iorque: Vintage International Books/ Random House, 1995.